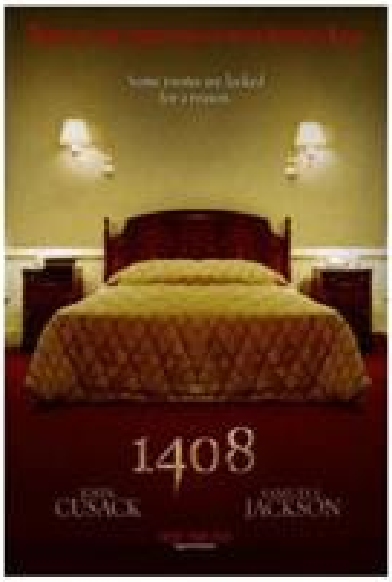
Comunidade Stephen King Brasil

http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=71769





1.408

Assim como a sempre popular história de enterro prematuro, todo escritor de terror-suspense deveria escrever pelo menos um conto sobre a Sala Fantasma n Hotel. Está é a minha versão dessa história. A única coisa pouco habitual nisso é que nunca pretendi termina-la. Escrevi as primeiras três ou quatro páginas como parte de um apêndice para meu livro On Writing (Sobre Escrever), querendo mostrar aos leitores como uma história desenvolve-se do primeiro esboço para um segundo. Queria principalmente fornecer exemplos concretos dos princípios sobre os quais eu vinha tagarelando no texto. Mas algo bacana aconteceu: a história me seduziu, e acabei escrevendo-a toda. Acho que o que nos assusta varia amplamente de indivíduo para indivíduo (nunca consegui entender por que boomslangs peruanas são calafrios em algumas pessoas, por exemplo), mas esta história me assustou enquanto eu trabalhava em seu texto. Ela apareceu originalmente como parte de uma coletânea em áudio chamada Blood and Smoke [Sangue e Fumaça], e o áudio me assustou ainda mais. Chegou mesmo a me apavorar. Mas quartos de hotel são locais naturalmente sinistros, não acha? Isto é quantas pessoas dormiram naquela cama antes de você? Quantas estavam doentes? Quantas estavam enlouquecendo? Quantas talvez pensassem em ler alguns versículos finais da Bíblia na gaveta da mesinha para depois se enforcarem no closet ao lado da tevê? Brrr. De qualquer modo, vamos entrando. Aqui está a sua chave... e pode observar com calma o que esses quatro números inocentes significam. É bem no final do corredor.





Comunidade Stephen King Brasil

http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=71769

1.408

Assim como a sempre popular história de enterro prematuro, todo escritor de terror-

suspense deveria escrever pelo menos um conto sobre a Sala Fantasma n Hotel. Está é a

minha versão dessa história. A única coisa pouco habitual nisso é que nunca pretendi

termina-la. Escrevi as primeiras três ou quatro páginas como parte de um apêndice para

meu livro On Writing (Sobre Escrever), querendo mostrar aos leitores como uma história

desenvolve-se do primeiro esboço para um segundo. Queria principalmente fornecer

exemplos concretos dos princípios sobre os quais eu vinha tagarelando no texto. Mas algo

bacana aconteceu: a história me seduziu, e acabei escrevendo-a toda. Acho que o que nos

assusta varia amplamente de indivíduo para indivíduo (nunca consegui entender por que

boomslangs peruanas são calafrios em algumas pessoas, por exemplo), mas esta história

me assustou enquanto eu trabalhava em seu texto. Ela apareceu originalmente como parte

de uma coletânea em áudio chamada Blood and Smoke [Sangue e Fumaça], e o áudio me

assustou ainda mais. Chegou mesmo a me apavorar. Mas quartos de hotel são locais

naturalmente sinistros, não acha? Isto é quantas pessoas dormiram naquela cama antes de

você? Quantas estavam doentes? Quantas estavam enlouquecendo? Quantas talvez

pensassem em ler alguns versículos finais da Bíblia na gaveta da mesinha para depois se

enforcarem no closet ao lado da tevê? Brrr. De qualquer modo, vamos entrando. Aqui está

a sua chave... e pode observar com calma o que esses quatro números inocentes

significam. É bem no final do corredor.

I

MIKE ENSLIN ESTAVA ainda à porta giratória quando viu Olin, o gerente do Hotel

Dolphin, sentado numa das superestofadas poltronas da sala de estar. O coração de Mike

afundou. Talvez eu devesse ter trazido o advogado novamente, pensou. Bem, agora era

tarde demais. E mesmo se Olin tivesse resolvido colocar mais um ou dois obstáculos entre

Mike e o quarto 1.408, isso não era de todo mau; havia compensações.

Olin estava cruzando a sala com uma rechonchuda mão estendida quando Mike

deixou para trás a porta giratória. O Dolphin situava-se na Rua Sessenta e Um, perto da

esquina da Quinta Avenida, pequeno mas elegante. Um casal vestido a rigor passou por

Mike quando ele alcançou a mão de Olin, mudando para mão esquerda a pequena bolsa

com roupas e alguns objetos. A mulher era loura e usava um vestido preto, claro, e seu

perfume leve e florido parecia sintetizar Nova York. No bar do mezanino, alguém tocava

“Night and Day” com se sublinhasse tal sintetização.

- Sr. Enslin. Boa-noite.

- Sr. Olin. Algum problema?

Olin parecia magoado. Por um momento, ele relanceou os olhos pelo saguão

pequeno saguão pequeno elegante, como se buscasse ajuda.No balcão da recepção, um

homem discutia sobre entradas de teatro com a mulher, enquanto o próprio recepcionista os

observava com um leve sorriso paciente. À mesa da frente, um homem, com uma aparência

que só se tem após longas horas de Classe Executiva, discutia sua reserva com uma mulher

num elegante terninho preto que poderia ser usado também como traje de noite. Os

negócios corriam como sempre no Hotel Dolphin. Havia ajuda para todos, exceto para o

pobre Sr. Olin, que caíra nas garras do escritor.

- Sr. Olin? – repetiu Mike.

- Sr. Enslin... posso falar um momento com o senhor no meu escritório?

Bem, por que não? Isso ajudaria na parte sobre o quarto 1.408, aumentaria o tom

agourento pelo qual os leitores de seus livros pareciam ansiar, e não era tudo. Mike Enslin

não tivera certeza até agora, apesar de todas as informações coletadas; agora tinha. Olin

estava realmente com medo do quarto 1.408, e do que pudesse acontecer a Mike ali,

naquela noite.

- Claro, Se. Olin.

Olin, o bom hospedeiro, estendeu a mão para a valise de Mike.

- Permita-me.

- Não se preocupe – disse Mike. – Aqui tem apenas uma muda de roupa e uma

escova de dente.

- Tem certeza?

- Tenho – disse Mike. – Já estou usando minha camisa havaina da sorte. – Sorriu. –

É a que tem repelente contra fantasma.

Olin não sorriu. Em vez disso, suspirou, um homenzinho redondo de fraque e uma

gravata com um laço cuidadoso.

- Muito bem, Sr. Enslin. Então vamos.

O gerente do hotel parecera hesitante no saguão, quase derrotado. Em seu escritório com

painéis de carvalho, com as fotos do hotel pelas paredes (o Dolphin fora inaugurado em

1910 – Mike podia publicar sem o benefício das resenhas nos diários ou jornais da cidade

grande, mas fazia um dever de casa), Olin parecia ganhar segurança novamente. Um tapete

persa cobria o chão do escritório, e dois abajures de pé emitiam uma suave luz amarela no

ambiente. Uma lâmpada com quebra-luz verde em forma de losango ocupava o meio da

mesa, junto com um umedecedor. E junto a este estavam os últimos três livros de

Mike

Enslin. Edições populares, claro: nenhum livro tivera uma edição em capa dura. Meu

anfitrião também vem fazendo um pouco de pesquisa, pensou Mike.

Mike sentou-se em frente à mesa. Esperava que Olin sentasse atrás dela, mas o

gerente o surpreendeu. Instalou-se na cadeira ao lado de Mike, cruzou as pernas e inclinou-

se para frente por cima de seu comportado ventrezinho para tocar o umedecedor.

- Charuto, Sr. Enslin?

- Não fumo, obrigado.

Os olhos de Olin deslocaram-se para o cigarro atrás da orelha direita de Mike – uma

ponta elegante guardada ali como um repórter dos velhos tempos guardaria o próximo

cigarro, logo abaixo da etiqueta IMPRENSA enfiada na fita de seu chapéu. O cigarro

tornara-se tão parte dele que por um momento Mike honestamente não sabia o que Olin

estava olhando. Então riu, tirou o cigarro, olhou-o e fitou Olin novamente.

- Há nove anos que não fumo – disse. – Tive um irmão mais velho que morreu de

câncer no pulmão. Larguei o hábito depois que ele morreu. O cigarro atrás da orelha... –

Sacudiu os ombros. – Parte afetação, parte superstição, acho eu. Como a camisa havaiana.

Ou os cigarros que a gente vê nas mesas e paredes, dentro de uma pequena caixa com um

aviso dizendo QUEBRE O VIDRO EM CASO DE EMERGÊNCIA. O quarto 1.408 é um

quarto de fumantes Sr. Olin? Só para o caso de estourar uma guerra nuclear.

- Na verdade, é.

- Bem – disse Mike entusiasticamente – isso é menos uma preocupação na

vigilância noturna.

O Sr. Olin suspirou de novo, mas sem o tom desconsolado de seu suspiro do saguão.

Sim era o escritório, concluiu Mike. O escritório de Olin, seu lugar especial. Mesmo

naquela tarde, quando Mike viera acompanhado por Robertson, o advogado, Olin parecera

menos agitado depois de entrarem ali. E por que não? Em que outro lugar a pessoa se sente

no controle das coisas senão em seu lugar especial? O escritório de Olin era um aposento

com bons quadros nas paredes, um bom tapete no chão e bons charutos no umedecedor.

Sem dúvida, muitos gerentes tinham administrado inúmeros negócios ali desde 1910; a seu

próprio modo, o local era tão Nova York quanto a loura com seu vestido preto sem alças,

seu perfume e sua inarticulada promessa de novaiorquino sexo suave peãs madrugadas.

- Continua achando que não posso faze-lo desistir da idéia, não é? – perguntou Olin.

- Sei que não pode – disse Mike, recolocando o cigarro atrás da orelha. Ele não

alisava o cabelo para trás com Vitalis ou Wildroot Cream Oil, como os jornalistas de

outrora com seus vistosos chapéus, mas ainda mudava o cigarro todos os dias, exatamente

como a roupa de baixo. A pessoa transpira atrás da orelha; se ele examinasse o cigarro no

final do dia antes de joga-lo, não fumado, no toalete, poderia ver o tênue resíduo desse suor

no fino papel branco. Isso não aumentava a tentação de acende-lo. Agora já não conseguia

entender como fumara por quase 20 anos – 30 guimbas por dia, às vezes 40. Por que fizera

aquilo era uma pergunta ainda melhor.

Olin recolheu a pequena pilha de livros em cima do mata-borrão.

- Espero sinceramente que o senhor esteja errado.

Mike Abriu o zíper do bolso lateral da bolsa e tirou de lá um minigravador Sony.

- Não se importa se eu gravar a conversa, não é, Sr. Olin?

Olin fez um gesto com mão. Mike apertou o botão de GRAVAR e a pequena luz vermelha

acendeu. A fita começou a girar. Enquanto isso, Olin examinava lentamente a pilha de

livros, lendo seus títulos. Como sempre quando via seus livros na mão de alguém, Mike

Enslin sentia uma esquisita mistura de emoções: orgulho, desconforto, divertimento,

desafio e vergonha. Não tinha por que sentir vergonha deles quando o vinham sustentando

muito bem nos últimos cinco anos, e não tinha que dividir seus lucros com os livreiros

(“putas de livros”, era como seu agente os chamava, talvez em parte com inveja), porque

criara o próprio conceito. Apesar de que, após ter vendido o primeiro livro tão bem, só um

idiota não teria percebido o conceito. O que havia para fazer depois de Frankenstein senão

A noiva de Frankenstein?

Mesmo assim, ele havia ido para Iowa. Estudara com Jane Smiley.

Participara certa vez de uma mesa-redonda com Stanley Elkin. Aspirara outrora

(absolutamente ninguém em seu atual circulo de amigos e conhecidos tinham a mínima

pista disso) a ser publicado como um jovem poeta de Yale. E quando o gerente do hotel

começou a dizer o nome dos títulos, Mike descobriu que desejava não ter desafiado Olin

com o gravador. Mais tarde, escutaria o tom comedido de Olin e imaginaria sentir neles um

certo desprezo. Tocou o cigarro por trás da orelha sem notar.

- Dez noites em dez casas mal-assombradas – leu Olin – Dez noites em dez

cemitérios mal-assombrados. Dez noites em dez castelos mal-assombrados –

Olhou para

Mike com um tênue sorriso nos cantos da boca. – Foi para a Escócia por causa desse. Sem

falar nos bosques de Viena. E tudo deduzido do imposto de renda, certo? Assombração é a

sua profissão, afinal de contas.

- O que está querendo dizer?

- O senhor é sensível em relação ao assunto, não é – perguntou Olin.

- Sensível sim, vulnerável não. Se está esperando me convencer a sar do seu hotel

criticando meus livros...

- Não, de modo nenhum. Eu só estava curioso. Mandei Marcel... é o porteiro do

turno da manhã... comprar seus livros há dois dias, logo que o senhor apareceu com a sua...

solicitação.

- Foi uma exigência, não uma solicitação. Ainda é. O senhor escutou o Sr.

Robertson; a lei do Estado de Nova York, sem falar nas duas leis federais sobre direitos

civis, proíbe que o senhor me negue hospedagem num determinado quarto, se eu pedir esse

quarto e ele estiver vago. E o 1.408 está vago. Está sempre vago atualmente.

Mas o Sr. Olin não ia deixar de lado os últimos três livros de Mike – todos na lista

dos mais vendidos do New York Times – ainda não. Simplesmente folheou-se uma terceira

vez. A lâmpada suave refletia-se nas capas brilhantes, com grande quantidade de cor

púrpura. A púrpura vendia livros de terror melhor do que qualquer outra cor, Mike soubera.

- Não tive chance de começar a lê-los até o principio da noite – disse Olin. – Ando

muito ocupado. O Dolphin é pequeno para os padrões de Nova York, mas funcionamos

com uma ocupação de 90%. E geralmente um problema entra pela porta com cada hospede.

- Como eu.

Olin Sorriu ligeiramente.

- O senhor é um problema especial, Sr. Enslin, o Sr. Robertson e todas as suas

ameaças.

Mike se sentiu irritado de novo. Não fizera ameaça nenhuma, a não ser que o

próprio Robertson fosse uma ameaça. E fora forçado a usar o advogado como alguém pode

se ver obrigado a usar um pé-de-cabra na fechadura enferrujada e inutilizada de um cofre.

O cofre não é seu, disse uma voz dentro dele, mas as leis do estado e do país diziam

o contrário. Elas afirmavam que o quarto 1.408 do Hotel Dolphin era seu se ele quisesse, na

medida em que ninguém o tivesse alugado primeiro.

Teve consciência de que Olin o observava, ainda com o tênue sorriso. Como se

estivesse acompanhando o diálogo interior de Mike quase palavra por palavra. Para Mike,

era uma sensação desconfortável, da mesma forma como aquela reunião se tornara

inesperadamente desconfortável. Parecia estar na defensiva desde que pegara o gravador (o

que era geralmente intimidante) e o ligara.

- Se o que estamos fazendo aqui tem uma razão de ser, Sr. Olin, acho que a perdi de

vista. E tive um dia longo. Portanto, se sua argumentação sobre o quarto 1.408 terminou, eu

gostaria de subir e...

- Li um... ahh, como o senhor chama? Ensaios? Histórias?

Bill chamava-os de pagadores-de-contas, mas não ia dizer isso com a fita girando.

Mesmo a fita sendo sua.

- Contos – decidira Olin. – Li um conto de cada livro. Aquele sobre a casa Rilsby

em Kansas, do livro Casas mal-assombradas...

- Ah, sim. Os assassinatos a machado – O camarada que esquartejara seis membros

da família Eugene Rilbsy nunca fora capturado.

- Exatamente. E o da noite em que o senhor passou acampado nos túmulos dos

amantes que se suicidaram, no Alasca... aqueles que as pessoas dizem aparecer por Sitka...

e o relato de sua noite no Castelo Gartsby. Aquele foi realmente muito divertido. Fiquei

surpreso.

O ouvido de Mike estava cuidadosamente sintonizado para apreender as notas

invisíveis de desprezo até nos comentários mais suaves sobre sua série Dez noites, e não

tinha dúvida de ouvir, às vezes, um desprezo que não existia – poucas criaturas na Terra são

tão paranóicas quanto o escritor que acredita, no fundo do coração que está ficando pior no

que faz, descobrira Mike – mas não acreditava haver nenhum desprezo ali.

- Obrigado. Acho eu – disse ele. Deu uma olhadela no gravador. Geralmente o

pequeno olho vermelho do objeto parecia observar o outro sujeito, desafiando-o a dizer a

coisa errada. Naquela noite, parecia estar olhando para o próprio Mike.

- Ah, sim, eu disse isso como um cumprimento. – Olin tamborilou nos livros. –

Espero terminar esses... mais pela maneira de escrever. É a maneira de escrever que eu

gosto. Fiquei surpreso em achar graça nas suas aventuras muito pouco sobrenaturais no

Castelo Garsby, e fiquei surpreso também em ver como o senhor é bom. Como é sutil.

Esperava mais machadadas e mais cortes.

Mike juntou as forças contra o que certamente viria a seguir, a variação de Olin para

O que uma boa moça como você está fazendo num lugar como este. Olin, o hoteleiro

urbano, anfitrião de louras que saíam de vestido preto pela noite, que contratava homens

magros e prestes a se aposentarem que dedilhavam, de smoking, velhos clássicos como

“Night and Day” no bar do hotel. Olin que provavelmente lia Proust em suas noites de

folga.

- Mas seus livros são perturbadores também. Se eu não tivesse dado uma olhada

neles, acho que não teria me dado ao trabalho de esperar o senhor esta noite. Quando vi

aquele advogado com a pasta, soube que o senhor pretendia ficas naquele quarto

desgraçado, e que nada do que eu dissesse o faria desistir. Mas os livros...

Mike estendeu a mão e desligou o gravador – aquele pequeno olho fixo estava

começando a deixa-lo nervoso.

- Quer saber por que estou apelando? É isso?

- Imagino que o faça pelo dinheiro – disse Olin suavemente – Embora seja

interessante que o senhor tenha interpretado dessa maneira o que eu disse.

Mike sentiu um calor no rosto. Não aquilo não estava absolutamente correndo como ele

imaginara; nunca havia desligado o gravador no meio de uma conversa. Mas Olin não era o

que ele esperava. Fui desviado do caminho pelas mãos dele, pensou Mike. Essas mãozinhas

gorduchas de gerente de hotel com suas nítidas meias-luas brancas de unha manicurada.

- O que me preocupou... o que me assustou... dói perceber que estava lendo o

trabalho de um homem inteligente e talentoso que não acredita numa única coisa que

escreveu.

Não era exatamente verdade, pensou Mike. Escreva talvez umas duas dúzias de

contos em que acreditava, publicara alguns. Escrevera resmas de poesia em que acreditara

durante seus primeiros 18 meses em Nova York, quando passara fome na folha de

pagamento de The Village Voice. Mas acreditava que o fantasma sem cabeça de Eugene

Rilsby caminhava pela fazenda abandonada de Kansas ao luar? Não. Mike passara a noite

aquela fazenda, acampado nas ondulações de linóleo sujo do chão da cozinha, e não vira

nada mais assustador do que dois camundongos passeando pelo rodapé. Passara uma quente

noite de verão nas ruínas do castelo da Transilvânia onde Vlad Tepes supostamente ainda

reinava; os únicos vampiros a aparecerem foram uma nuvem de mosquitos europeus.

Durante a noite em que acampara junto ao túmulo de Jeffrey Dhamer, o assassino serial,

uma figura branca manchada de sangue e com uma faca na mão realmente

aparecera na

escuridão às duas da madrugada, mas as risadinhas dos amigos da aparição entregaram o

embuste; de qualquer modo, Mike Enslin não ficara muito impressionado – reconhecia um

fantasma adolescente brandindo uma faca de borracha quando via um. Mas não tinha

intenção de contar isso a Olin. Ele não poderia arcar com as...

Mas podia sim. O gravador (um equívoco desde o inicio, compreendia agora) fora

novamente posto de lado, tornando aquela reunião tão pouco gravada quanto se podia

querer. Além disso, passara a admirar Olin de um modo esquisito. E, quando você admira

um homem, tem vontade de lhe dizer a verdade.

- Não – disse ele. – Não acredito em espiritozinhos maus, fantasminhas e

bestazinhas de pernas compridas. Acho bom que não existam, porque também não acredito

que haja qualquer Deus para nos proteger deles. É nisso que acredito, mas mantive a mente

aberta desde o inicio. Posso jamais vir a ganhar o Prêmio Pulitzer por investigar o Fantasma

que Assombra o Cemitério Esperança, mas teria escrito sobre ele com justiça se ele tivesse

aparecido.

Olin disse algo, apenas uma palavra, mas baixo demais para Mike entende-

lá.

- Como?

- Eu disse que não. – Olin olhou-o quase pedindo desculpas.

Mike suspirou. Olin o considerava mentiroso. Quando se chega a esse ponto, as

únicas escolhas são puxar seus trunfos ou abandonar totalmente a discussão.

- Por que não deixamos isso para outro dia, Sr. Olin? Vou subir e escovar os dentes.

Talvez eu veja Kevin O'Malley se materializar atrás de mim no espelho do banheiro.

Mike começou a levantar da cadeira, mas Olin estendeu uma das mãos gorduchas e

cuidadosamente manicuradas para detê-lo.

- Não estou chamando o senhor de mentiroso – disse -, mas, Sr. Enslin o senhor não

acredita. Fantasmas raramente aparecem para os que não acreditam neles. E quando o

fazem, raramente são vistos. Ora, Eugene Rilsby poderia ter jogado boliche com sua cabeça

decepada no saguão da frente da casa dele que o senhor não teria ouvido coisa alguma!

Mike levantou e curvou-se para pegar a pequena valise.

- Se é assim, não preciso me preocupar com o quarto 1.408, não é?

- Precisa sim – disse Olin. – Precisa sim. Porque não há fantasma nenhum no quarto

1.408 e nunca houve. Há algo lá... eu mesmo o senti... mas não é a presença de

um espírito.

Numa casa abandonada ou num velho castelo, sua falta de crença pode servir de proteção.

No quarto 1.408 só o tornará vulnerável. Não faça isso, Sr. Enslin. É por isso que esperei o

senhor esta noite, para lhe pedir, para lhe implorar... que não faça isso. De todas as pessoas

na Terra que não devem entrar naquele quarto, o autor desses animados e exploradores

livros sobre fantasmas verdadeiros está no alto da lista.

Mike ouviu e não ouviu ao mesmo tempo. E você desligou o gravador! Fumegou

ele. Olin me constrange a ponto de eu desligar o gravador e então se transforma em Boris

Karloff! Foda-se. Vou cita-lo, de qualquer maneira. Se ele não gostar, que me processe.

De repente, estava morrendo de vontade de subir, não só porque assim poderia

liquidar logo sua longa noite num quarto de hotel, mas porque queria transcrever o que Olin

dissera enquanto ainda estava fresco na memória

- Tome um drinque, Sr. Enslin.

- Não, eu...

O Sr. Olin tirou do bolso do casaco uma chave em um chaveiro que era uma

comprida chapa de metal. O metal parecia velho, arranhado e machado, tendo gravado nele

o número 1.408.

- Por favor – disse Olin. – Faça a minha vontade. Dê-me mais dez minutos do seu

tempo, o suficiente para tomar uma pequena dose de Scotch, e eu lhe entrego esta chave.

Eu daria tudo para poder faze-lo mudar de opinião, mas gosto de pensar que reconheço o

inevitável quando o vejo.

- Vocês ainda usam chaves aqui? – perguntou Mike. – É um toque simpático. Uma

antiguidade.

- O Dolphin entrou no sistema de cartões magnéticos em 1979, Sr. Enslin, no ano

em que assumi como gerente. O 1.408 é o único quarto da casa que ainda abre com chave.

Não havia necessidade de colocar uma fechadura com cartão magnético naquela porta,

porque nunca há ninguém ali: a última vez que a sala foi ocupada por um hóspede pagante

foi em 1978.

- Está me sacaneando! – Mike sentou novamente e mais uma vez destravou o

gravador. Apertou o botão RECORD e disse: “Olin, o gerente da casa, afirma que há mais

de 20 anos o quarto 1.408 não é alugado a um hóspede pagante!”

- Mas ainda bem que o 1.408 nunca precisou de fechadura com cartão magnético,

porque relógios de pulso digitais não funcionam naquele quarto. Às vezes andam

para trás

às vezes param, mas não se pode confiar nas horas que marcam. Não no quarto 1.408. O

mesmo acontece com calculadoras de bolso e telefones celulares. Se estiver usando um

bipe, Sr. Enslin, aconselho-o a desliga-lo, porque, quando estiver lá, ele vai começar a tocar

direto – Fez uma pausa – E desliga-lo também não garante que dê certo; ele pode se ligar

sozinho. A única providência segura é tirar as baterias dele. – Apertou o botão STOP do

gravador sem examinar os botões; Mike imaginou que Olin deveria usar um modelo

semelhante para ditar memorandos. – na verdade, Sr. Enslin, a única providencia segura é

ficar fora da droga daquele quarto.

- Não posso fazer isso – disse Mike, pegando seu gravador novamente e guardando-

o de volta -, mas acho que tenho tempo para uma bebida.

Enquanto Olin servia as bebidas no bar revestido de painéis de carvalho sob uma velha

pintura da Quinta Avenida na virada do século XIX para o XX, Mike perguntou-lhe como

sabia que dispositivos de alta tecnologia não funcionavam dentro do quarto se este não era

ocupado desde 1978.

- Não quero lhe dar a impressão de que ninguém pôs os pés no 1.408 desde 1978 –

respondeu Olin. – Temos arrumadeiras que fazer uma limpeza leve no quarto uma vez por

mês. Isso significa...

Mike, que já vinha trabalhando em Dez quartos de hotel mal-assombrados há uns

quatro meses, disse:

- Sei o que significa. – Limpeza leve num quarto desocupado incluía abrir as janelas

para arejar o cômodo, espanar, jogar um desinfetante especial no vaso para deixar a água

levemente azul, mudar as toalhas. Provavelmente a roupa de cama não seria mudada, não

numa limpeza leve. Cogitou se deveria ter trazido seu saco de dormir.

Palmilhando o tapete persa, vindo do bar com dois drinques nas mãos, Olin pareceu

ler o pensamento de Mike:

- Os lençóis foram mudados esta tarde, Sr. Enslin.

- Por que não deixa isso de lado? Me chame de Mike.

- Acho que não vou me sentir à vontade – disse Olin, entregando a bebida a Mike. –

Ao senhor.

- E ao senhor. – Mike ergueu o copo querendo brindar ao anfitrião, mas Olin

recuou.

- Não, ao senhor, Sr. Enslin. Eu insisto. Hoje devemos ambos beber ao senhor. Vai

precisar disso.

Mike suspirou, tocou a borda do copo contra a borda do copo de Olin e disse:

- A mim. O senhor estaria em casa num filme de horror, Sr. Olin. Poderia

representar o mordomo sinistro que tenta aconselhar o jovem casal a ir embora do Castelo

da Danação.

Olin sentou-se.

- É um papel que não tenho representado com freqüência, graças a Deus. O quarto

1.408 não está na lista de nenhum dos sites sobre locais para-normais ou "quentes" para

sensitivos...

Isso vai mudar depois do meu livro, pensou Mike bebericando.

- ... e não há nenhuma turnê sobre fantasmas que pare no Hotel Dolphin, embora

façam essa turnê no Sherry-Neterland, no Plaza e no Park Lane. Temos mantido o

1.408 tão quieto quanto possível... embora a história tenho estado sempre aí para um

pesquisador tenaz e com sorte ao mesmo tempo.

Mike permitiu-se um leve sorriso.

- Veronique mudou os lençóis – disse Olin. – Eu acompanhei-a. O senhor deve se

sentir lisonjeado, Sr. Enslin; é quase como ter a cama arrumada pela realeza. Veronique e

sua irmã vieram para o Dolphin como camareiras em 1971 ou 72. Vee, como nós a

chamamos, é a empregada mais antiga do Dolphin, com pelo menos seis anos mais de casa

do que eu. Desde então ela passou a governanta-chefe da casa. Acho que não muda um

lençol há seis anos, mas costumava fazer todos os turnos do 1.408... ela e a irmã... até por

volta de 1992. Veronique e Celeste era gêmeas, e o vinculo entre elas parecia torna-las...

como posso dizer? Não imunes ao 1.408, mas em igualdade de condições com ele... pelo

menos no curto período que é preciso para se fazer uma limpeza leve no quarto.

- Não vai me dizer que essa irmã de Veronique morreu lá, vai?

- Não, de modo nenhum – disse Olin. – Ela foi embora daqui por volta de 1988, por

não estar bem de saúde. Mas não descarto a possibilidade de o 1.408 ter desempenhado um

papel na piora de suas condições físicas e mentais.

- Parece que construímos uma relação, Sr. Olin. Espero que não se encrespe se eu

lhe disser que acho o que está me dizendo ridículo.

Olin riu.

- Tão cabeça-dura para um estudioso do mundo invisível.

- Devo isso a meus leitores – disse Mike suavemente.

- Acho que eu poderia ter deixado o 1.408 como ele é, de qualquer forma, durante a

maior parte de seus dias e noites – refletiu o gerente do hotel. – Porta trancada, luzes

apagadas, persianas para impedir o sol de desbotar o tapete, as capas no lugar, o cardápio

do café-da-manhã em cima da cama... mas não posso pensar no ar ali cada vez mais

sufocante e velho, como o ar de um sótão. Não posso pensar na poeira se acumulando até

ficar espessa e fofa. Isso faz de mim o quê, um meticuloso ou simplesmente um obsessivo?

- Faz do senhor um gerente de hotel.

- Acho que sim. De qualquer modo, Vee e Cee lidaram com aquele quarto... muito

rapidamente entravam e saíam... até que Cee se aposentou e Vee teve sua primeira grande

promoção. Depois disso, arranjei outras arrumadeiras para limpar o quarto aos pares,

sempre escolhendo as que se davam bem uma com a outra...

- Esperando que esse vinculo resistisse aos bichos-papões?

- Esperando isso, sim. E pode zombar quanto quiser dos papões do quarto 1.408 Sr.

Enslin, mas vai senti-los quase imediatamente, tenho certeza. Seja lá o que houver naquele

quarto, não é algo tímido. Eram muitas ocasiões... todas que pude... fui lá com as

arrumadeiras, para supervisioná-las. – Fez uma pausa e acrescentou quase relutantemente: -

Para tira-las de lá, acho eu, se algo realmente horrível começasse a acontecer. Nada

aconteceu. Várias tiveram acessos de espirro, uma teve um acesso de riso... não sei por que

alguém rindo fora de controle deva ser mais assustador do que alguém soluçando, mas é... e

algumas desmaiaram. Nada terrível demais, porém. Tive tempo suficiente nesses anos para

realizar algumas experiências primitivas... bipes, telefones celulares, coisas assim... mas

nada terrível demais. Graças a Deus. – Fez uma pausa de novo e acrescentou num tom

esquisito, átono – Uma delas ficou cega.

- O quê?

- Chamaca-se Rommie Van Gelder. Estava espanando a parte de cima da televisão

quando imediatamente começou a gritar. Perguntei o que tiha acontecido. Ela deixou cair o

pano de pó, pôs as mãos nos olhos e gritou que estava cega... mas que podia ver as cores

mais horríveis. Elas desapareceram quase na mesma rapidez com que eu a retirei do quarto,

e quando a levei pelo corredor até o elevado, a visão dela começou a voltar.

- Está me contando tudo isso só para me assustar, não é Sr. Olin? Para me afastar daqui.

- Na verdade, não. O senhor conhece a história do quarto, começando com o suicídio do seu primeiro ocupante.

Mike conhecia. Kevin O'Malley, um vendedor de máquinas de costura, suicidara-se a 13 de outubro de 1910. Um fujão que deixara para trás esposa e sete filhos.

- Cinco homens e uma mulher pularam da única janela do 1.408, Sr. Enslin. Três mulheres e um homem tomaram uma dose excessiva de pílulas naquele quarto, dois foram encontrados na cama, dois no banheiro, um na banheira e um caído no vaso. Um homem se enforcou no closet em 1970...

- Henry Storkin – disse Mike. – Aquele foi provavelmente acidental... asfixia erótica.

- Talvez. Houve também o caso de Randolph Hyde, que cortou os pulsos e a seguir os órgãos genitais, por via das dúvidas, enquanto sangrava até a morte. Isso não foi asfixia erótica. A questão, Sr. Enslin, é que se o senhor não pode ser demovido de sua intenção por um registro de 12 suicídios em 68 anos, duvido que os arquejos e fibrilações de algumas camareiras o detenham.

Arquejos e fibrilações, essa é boa, pensou Mike, e cogitou se poderia roubar a frase

para o livro.

- Poucas duplas que limparam o 1.408 nesses anos quiseram voltar lá mais de

algumas vezes – disse Olin e terminou sua bebida com um cuidadoso golinho.

- Exceto as gêmeas francesas.

- Vee e Cee, é verdade – Olin concordou com a cabeça.

Mike não se importava muito com as empregadas e seus... como Olin os chamara?

Arquejos e fibrilações. Sentia-se suavemente exasperado pela enumeração dos suicídios

feita por Olin... como se Mike fosse tão tosco que tivesse deixado escapar não a existência

deles, mas seu grande significado. Só que não havia significado nenhum. Abraham Lincoln

e John Kennedy tinha, vice-presidentes que se chamavam Johnson; os nomes Lincoln e

Kennedy tinham sete letras; tanto Lincoln como Kennedy tinham sido eleitos em anos

terminando em 60. O que provavam todas essas coincidências? Coisa alguma, droga.

- Os suicídios formarão um maravilhoso segmento para o meu livro – disse Mike -,

mas já que o gravador está desligado, posso lhe dizer que eles se resumem ao que um

estatístico conhecido meu chama de “efeito cumulativo”.

- Charles Dickens chamava-o de “efeito batata” – disse Olin.

- Como?

- Quando o fantasma de Jacob Marley apareceu pela primeira vez a Scrooge, disse-

lhe que ele só poderia ser uma bolha de mostarda ou um pedacinho de batata mal-passada.

- Isso deve ser considerado engraçado? – perguntou Mike, friamente.

- Não considero nada a respeito disso engraçado, Sr, Enslin. Absolutamente nada.

Ouça atentamente, por favor. A irmã de Vee, Celeste, morreu de um ataque do coração.

Naquela época, ela sofria de Alzheimer num estágio médio, uma doença que a atingiu

muito cedo na vida.

- Mesmo assim, a irmão dela está bem, pelo o que o senhor disse antes. Uma

história americana de sucesso, na verdade. Da mesma forma que o senhor, Sr. Olin, a julgar

pela aparência. E quantas vezes o senhor entrou e saiu do quarto 1.408? Cem? Duzentas?

- Por períodos muito curtos – disse Olin. – Talvez seja como entrar num aposento

cheio de gás venenoso. Se a pessoa prende a respiração, pode se sair bem. Vejo que não

gosta dessa comparação. Sem duvida a considera muito elaborada, talvez ridícula. Mas eu

acho que é boa.

Ele cruzou os dedos sob o queixo.

- É possível também que algumas pessoas reajam mais rapidamente e mais

violentamente ao seja lá o que viva no quarto, exatamente como alguns esportistas que

praticam o mergulho são mais propensos ao mal-estar da descompressão que outros. Em

quase um século de existência do Dolphin, a equipe do hotel torna-se cada vez mais

consciente de que o 1.408 é um quarto envenenado. Tornou-se parte da história da casa, Sr.

Enslin. Ninguém fala disso, exatamente como ninguém menciona o fato de que aqui, como

na maioria dos hotéis, o 14º andar é na verdade o 13º... mas eles sabem. Se todos os fatos e

registros sobre aquele quarto estivessem disponíveis, eles contariam uma história

surpreendente... mais desconfortável do que seus leitores pudessem usufruir. Por exemplo,

acho que todo hotel de Nova York tem seus suicídios, mas eu apostaria minha vida que

apenas no Dolphin houve uma dúzia deles num único quarto. E deixando Celeste

Romandeau de lado, o que me diz das mortes naturais no 1.408? As chamadas mortes

naturais?

- Quantas já ocorreram? – A idéia das chamadas mortes naturais no 1.408 não lhe

ocorrera.

- Trinta – respondeu Olin. – Pelo menos 30. Trinta, que eu saiba.

- O senhor está mentindo! – As palavras saíram da boca de Mike antes que ele

pudesse impedir.

- Não, Sr. Enslin, asseguro-lhe. O senhor realmente pensou que mantemos aquele

quarto fechado por causa da tola superstição de velhas viúvas malucas ou de uma ridícula

tradição de Nova York?... Pela idéia de que todo bom hotel antigo deve ter pelo menos um

espírito inquieto, arrastando-se pela Suíte das Correntes Invisíveis?

Mike Enslin percebeu que essa idéia – não articulada, ms presente mesmo assim –

pairava por seu novo livro da série Dez Noites. Ouvir Olin censura-la no tom irritado de um

cientista ante os passes de bruxaria de um nativo não ajudou a acalmar sua ansiedade.

- Temos nossas superstições e tradições no ramo hoteleiro, mas não deixamos que

elas atrapalhem os negócios, Sr. Enslin. Há um velho ditado no Meio Oeste, onde comecei

na minha profissão: “Não há nenhum quarto vazio, quando os homens do gado estão na

cidade.” Se temos vagas, nós as preenchemos. A única exceção à regra que já fiz algum

dia... e a única conversa que já tive sobre isso... foi com relação ao quarto 1.408, um quarto

do 13º andar cuja soma dos números é 13.

Olin olhou Mike Enslin nos olhos.

- É um quarto não apenas de suicídios, mas de derrames, infartes e acessos

epilépticos. Um homem que ficou no quarto... foi em 1973... aparentemente afogou-se num

prato de sopa. O senhor sem dúvida vai dizer que isso é ridículo, mas falei com o homem

que era chefe da segurança do hotel na época, e ele viu o atestado de óbito. O poder de seja

lá o que for que habita o quarto parece ser menor por volta do meio-dia, que é quando a

arrumação dos quartos sempre ocorre, e mesmo assim sei de várias camareiras que

trabalharam lá e que agora sofrem do coração, tem enfisema, diabete. Houve um problema

de aquecimento naquele andar há três anos, e o Sr. Neal, o engenheiro-chefe da manutenção

à época, entrou em vários quartos para verificar as unidades de aquecimento. O 1.408 foi

um deles. O engenheiro parecia bem então... tanto no quarto quanto depois... mas morreu

na tarde seguinte de uma hemorragia generalizada.

- Coincidência – disse Mike. Mesmo assim, não podia negar que olin era bom. Se o

homem fosse um conselheiro de acampamento, deixaria 90% dos garotos tão assustados

que eles voltariam para casa após a primeira rodada de histórias de fantasma em torno da

fogueira.

- Coincidência – repetiu Olin, suavemente, não exatamente com desprezo. Estendeu

a chave fora de moda n antig chaveiro de metal fora de moda. – Como está o seu coração,

Sr. Enslin? Sem falar em sua pressão sanguínea e condições psicológicas?

Mike descobriu precisar de um esforço real e consciente para levantar a mão... mas,

uma vez que a pôs em movimento, tudo bem. Ela se ergueu até a chave sem o mínimo

tremor nos dedos, tanto quanto pôde notar.

- Está tudo bem – disse ele, pegando o gasto chaveiro de metal. – Além disso, estou

usando minha camisa havaiana da sorte.

Olin insistiu em acompanhar Mike ao 14º andar no elevador, e Mike não objetou. Estava

curioso para ver se, quando estivessem fora do escritório e no corredor que levava aos

elevadores, o gerente voltaria ao seu eu menos conseqüente; se ele se tornaria mais uma vez

o pobre Sr. Olin, o obsequioso funcionário que caíra nas garras do escritor.

Um homem de smoking disse Merci bien e continuou o seu caminho. Mike e o

gerente do hotel continuaram andando. Olin novamente perguntou se podia carregar a

pequena valise de Mike, e este novamente recusou. No elevador, os olhos dele foram

atraídos para a tripla fila de botões. Tudo estava onde devia estar, não havia falhas... e

mesmo assim, olhando-se mais atentamente, via-se que havia. O botão que marcava o 12º

era seguido por outro que marcava 14º. Como se pudessem fazer o número 13 não existir

omitindo-o do painel de controle do elevador. Tolice... e mesmo assim Olin estava certo:

isso era feito em toda parte do mundo.

Enquanto o elevador subia, Mike disse:

- Uma coisa me dá curiosidade. Por que o senhor não cria um residente fictício para

o quarto 1.408, se ele o assusta tanto como o senhor diz que assusta? Ou melhor, Sr. Olin,

por que não o declara sua própria residência?

- Acho que tive medo de ser acusado de fraude pela pessoa que aplica os estatutos

estaduais e federais... para o pessoal hoteleiro, as leis dos direitos civis é como o arrastar de

correntes à noite para muitos de seus leitores... ou então por meus patrões, caso soubessem

disso. Se não consegui convence-lo a desistir do quarto 1.408 duvido que tivesse mais sorte

em convencer o conselho de diretores da Stanley Corporation de que retirei do

mercado um

quarto em perfeitas condições porque tenho medo que fantasmas obriguem um caixeiro-

viajante ou outro a pular pela janela e se esborrachar na Rua Sessenta e Um.

Mike considerou isso a coisa mais perturbadora que Olin já dissera. Porque ele não

está tentando mais me convencer, pensou. Sejam quais forem os poderes de venda do

gerente em seu escritório – talvez alguma vibração que venha do tapete persa -, ele os perde

aqui fora. Competência sim, podia-se ver isso quando ele assinava as folhas do maître, mas

não venda. Não magnetismo pessoal. Não aqui fora. Mas ele acredita no que diz. Acredita

naquilo tudo.

Acima da porta, o 12 se apagou e deu lugar ao 14. O elevador se deteve. A porta

abriu-se revelando um corredor de hotel totalmente comum, de carpete vermelho-e-ouro

(definitivamente não persa) e instalações elétricas que pareciam lâmpadas a gás do século

XIX.

- Aqui estamos – disse Olin. – O seu andar. Vai me desculpar se eu o deixar aqui? O

1.408 é à sua esquerda, no final do corredor. A não ser que seja absolutamente necessário,

não passo daqui.

Mike Enslin saiu do elevador com pernas mais pesadas do que de costume. Virou-se

para Olin, um homenzinho gorducho de terno escuro e gravata cor de vinho com um laço

cuidadoso. O gerente entrelaçava as mãos manicuradas às costas, e Mike viu que o rosto

dele se mostrava de uma palidez cremosa. Na testa alta e sem rugas, despontavam gotas de

transpiração.

- Há um telefone no quarto, claro – disse Olin. – O senhor pode tentar, se tiver

problemas... mas duvido que ele funcione. Não se o quarto não quiser.

Mike pensou numa resposta leviana, tipo pelo menos isso o faria economizar no

serviço de quarto, mas sua língua parecia ainda mais pesada do que as pernas e continuou

imóvel dentro da boca.

Olin retirou uma das mãos de trás das costas e Mike viu que ela tremia.

- Sr. Enslin, Mike. Não faça isso. Pelo amor de Deus...

Antes de poder terminar, a porta do elevador se fechou, silenciando-º Mike ficou

onde estava por um momento, no perfeito silêncio do hotel nova-iorquino, no andar que

ninguém da equipe admitiria ser o 13º. Pensou em estende a mão e apertar o botão para

chamar o elevador.

No entanto, se fizesse isso, Olin venceria. E haveria um grande buraco escancarado

no lugar do melhor capitulo do seu novo livro. Os leitores poderiam não saber disso, assim

como seu editor, seu agente e Robertson, o advogado... mas ele saberia.

Em vez de apertar o botão do elevador, Mike tocou no cigarro atrás da orelha –

aquele gesto antigo e distraído que nem ele sabia mais que fazia -, alisando também o

colarinho da sua camisa da sorte. Então começou a seguir pelo corredor na direção do

1.408, balançando a pequena valise a seu lado.

II

O ARTEFATO MAIS INTERESSANTE deixado na esteira da breve estada de Mike Enslin

(que durou cerca de 70 minutos) no quarto 1.408 foram os 11 minutos de fita registrados no

gravador, um pouco escurecido pelo fogo, mas de longe de estar destruído. O fascinante da

narração era haver pouquíssima narração. E como era esquisita.

O gravador fora um presente de sua ex-mulher, de quem ficara amigo, há cinco

anos. Em sua primeira “expedição sobre um caso” (a fazenda Rilbsy, em Kansas), levara-o

quase como se tivesse lembrado dele no último minuto, juntamente com cinco grandes

blocos amarelos e um estojo de couro com lápis apontados. Ao chegar à porta do quarto

1.408 do Hotel Dolphin, três livros depois, Mike trazia consigo apenas uma caneta e um

caderno de notas, assim como cinco fitas cassete virgens de 90 minutos, além da que já

colocara no gravador antes de deixar seu apartamento.

Descobrira que falar ao gravador lhe era mais útil do que tomar notas; podia

recolher anedotas, algumas fantásticas, enquanto aconteciam – os morcegos que haviam

mergulhado sobre ele na torre supostamente mal-assombrada do Castelo

Gartsby, por

exemplo. Ele guinchara como uma garota em sua primeira viagem a uma ardilosa casa mal-

assombrada.

Além disso, o pequeno gravador era mais prático do que notas escritas,

especialmente quando se está num gélido cemitério de New Brunswick e uma pancada de

chuva e vento derrubam sua tenda às três da manhã. Não se podia tomar notas muito bem

nessas circunstâncias, mas se podia falar... e fora o que Mike fizera, continuara falando

enquanto lutava contra a lona molhada e ondulante da tenda, sem perder de vista o

confortador olho vermelho do gravador. Ao longo dos anos e das “expedições sobre casos”,

o gravador da Sony tornara-se um amigo. Mike jamais registrara uma narrativa em primeira

mão de um verdadeiro acontecimento sobrenatural na fita de dilamentos finos movendo-se

entre os carretéis, e isso incluía os comentários entrecortados feitos no gravador.

Caminhoneiros de longo curso passam a amar seus Kenworths e Jimmy-Petes. Escritores

tratam como algo precioso determinada caneta, ou uma velha e gasta máquina de escrever;

senhoras encarregadas da limpeza detestam desistir da velha Eletroluz. Mike jamais tivera

que enfrentar um fantasma rela ou um evento psicocinético apenas com o gravador – sua

versão da cruz e da réstia de alho- para protegê-lo, mas passara com ele inúmeras noites

geladas e desconfortáveis. Era cabeça-dura, mas isso não o tornava inumano.

Seus problemas com o 1.408 começaram antes de entrar no quarto.

A porta estava torta.

Não muito, mas estava torta sem dúvida, ligeiramente para a esquerda. Isso o fez

pensar primeiro em filmes de terror em que o diretor tentava indicar a tensão mental de um

dos personagens inclinando a câmera em tomadas subjetivas. Essa associação foi seguida

por outra – a aparência das portas quando se estava num barco e o tempo um tanto ruim.

Elas iam para a frente e para trás, direita e esquerda, tique e taque, até que você começava a

sentir a cabeça e o estômago meio revirados. Não que ele próprio se sentisse assim, de

modo nenhum mas...

Sim, eu me sinto. Só um pouco.

E ele diria isso também, ainda que fosse apenas pela insinuação de Olin de que sua

atitude tornava impossível para ele ser justo no campo indubitavelmente subjetivo do

jornalismo fantasmagórico.

Inclinou-se (consciente de que a leve sensação no estômago sumira quando ele

parara de olhar para a porta sutilmente desenquadrada), abriu o zíper da bolsa e retirou o

gravador. Apertou o botão RECORD enquanto se endireitava, e viu o pequeno olho

vermelho se iluminar. Então abriu a boca para dizer “A porta do quarto 1.408 oferece sua

própria saudação original; parece colocada torta, levemente para a esquerda”.

Ele disse A porta, e isso foi tudo. Ouvindo-se a fita podem-se escutar as duas

palavras claramente, A porta, e então o clique do botão STOP. Porque a porta não estava

torta, estava perfeitamente direita. Mike virou, olhou para a porta do 1.409 do outro lado do

corredor e então novamente para a porta do 1.408. Ambas eram iguais, brancas, com placas

com números dourados e maçanetas douradas. Ambas totalmente retas.

Ele se curvou, pegou a valise com a mão que segurava o gravador, com a outra mão

colocou a chave na fechadura e parou.

A porta estava novamente torta.

Dessa vez inclinada ligeiramente para a direita.

- Isso é ridículo – murmurou ele, mas a sensação de náusea já retornara a seu

estômago. Não era apenas uma espécie de enjôo marítimo; era enjôo marítimo. Ele fora à

Inglaterra no Queen Elizabeth 2 havia uns dois anos, e certa noite o mar ficou

extremamente agitado. Mike lembrava mais claramente de ficar deitado na cama de sua

cabine, sempre à beira de vomitar, mas em conseguir. E como a sensação de vertigem

nauseada piorava quando ele olhava para uma porta, uma mesa ou cadeira... como ima para

a frente e para trás... para a esquerda e para a direita... tique e taque..

Isso é culpa sua Olin, pensou. É exatamente o que ele quer. Ele o induziu a isso,

companheiro. Ele armou isso. Cara, como ele ia rir se pudesse vê-lo. Como...

Mike parou um instante quando percebeu que provavelmente Olin podia vê-lo.

Olhou para trás, para o corredor até o elevador, mal notando que a sensação ligeiramente

nauseada em seu estômago sumira no momento em que parara de fixar a porta. Acima e à

esquerda dos elevadores, viu o que esperava: uma câmera de circuito fechado. Um dos

detetives da casa poderia estar olhando para lá naquele exato momento, e Mike apostava

que Olin estava com ele, ambos sorrindo como macacos. Vai ensina-lo a vir aqui de

advogado em punho e fazendo exigências, diria Olin. Olhe só para ele! Responderia o

segurança, sorrindo mais amplamente ainda. Branco como um fantasma, e ainda nem pôs a

chave na fechadura. O senhor pegou ele, chefe! Pegou ele com caniço, linha e anzol!

Uma ova que pegou, pensou Mike. Fiquei na casa Rilsby, dormi na sala onde pelo

menos dois deles foram mortos – e dormi mesmo, acredite ou não. Passei uma noite junto

ao túmulo de Jeffrey Dahmer e as duas lápides de distância de H.P. Lovercraft; escovei os

dentes junto à banheira onde Sir David Smythe supostamente afogou as duas esposas. Há

muito tempo parei de me assustar com histórias contadas em torno da fogueira. Uma ova

que me pegou!

Olhou para trás e a porta estava reta. Mike deu um grunhido, empurrou a chave na

fechadura e girou-a. A porta se abriu e ele entrou. A porta não se fechou lentamente atrás

dele quando ele apalpou a parede em busca do comutador, deixando-o em total escuridão

(além disso, as luzes dos apartamentos do edifício vizinho brilhavam através da janela).

Mike achou o comutador. Quando acionou, a luz de cima, encerrada numa coleção de

ornamentos de cristal, acendeu-se. Da mesma forma que o abajur de pé junto à escrivaninha

na outra extremidade do quarto.

A janela ficava acima dessa escrivaninha, para alguém que escrevesse sentado ali

pudesse fazer uma pausa no trabalho e olhar a Rua Sessenta e Um lá embaixo...

ou pular

para lá, se o impulso o levasse a isso. Exceto...

Mike colocou a valise dentro do quarto, fechou a porta e ligou o gravador de novo.

A pequena luz vermelha se acendeu.

“Segundo Olin, seis pessoas pularam da janela que estou olhando, mas não vou dar

nenhum mergulho do 14º, disse ele, desculpe, do 13º andar do Hotel Dolphin esta noite. Há

uma malha de ferro ou aço protegendo a janela do lado de fora. Seguro morreu de velho. O

1.408 é o que se chama de uma suíte júnior, acho eu. O quarto tem duas cadeiras, um sofá,

uma escrivaninha, um armário que provavelmente contém a tevê e talvez um minibar. O

carpete no chão não é digno de nota... não faz sombra ao de Olin, podem acreditar. O papel

de parede idem. Ele... um momento”

Nesse ponto, ouve-se outro clique na fita, quando Mike aperta o STOP novamente.

Toda a parca narrativa da fita gravada tem esse aspecto fragmentado, totalmente diferente

das outras cerca de 150 fitas de posse do agente literário do autor... Além disso, a voz se

torna continuamente mais perturbada; não é a voz de um homem trabalhando e sim a de um

indivíduo perplexo que começou a falar sozinho sem perceber. A natureza elíptica das fitas

e aquela crescente perturbação verbal combinam-se para dar à maioria dos ouvintes uma

nítida sensação de desconforto. Muitos pedem que a fita seja desligada bem antes de ela

chegar ao fim. Meras palavras escritas não podem transmitir adequadamente a crescente

certeza do ouvinte de estar escutando um homem perder, se não a razão, pelo menos o

controle da realidade convencional, mas mesmo palavras sem relevo sugerem que algo

estava acontecendo.

Naquele momento, Mike notara os quadros nas paredes. Havia três deles: uma

senhora numa escada, com traje de noite estilo dos anos 1920; um veleiro feito à maneira

de Currier E Ives; e uma natureza-morta com frutas, esse último com maças laranjas e

bananas pintadas num desagradável tom amarelo-laranja. Os três quadros tinham molduras

de vidro e os três estavam tortos. Mike quase mencionara isso na fita, mas o que havia de

tão diferente, tão digno de ser comentado em três quadros desalinhados? Que uma porta

estivesse torta... bem, isso tinha um pouco de encanto daquele velho Gabinete do Dr.

Cagilari. Mas a porta não estava torta; seus olhos o tinham enganado por um momento, só

isso.

A senhora na escada inclinava-se para a esquerda. Da mesma forma que o veleiro,

que mostrava marinheiros britânicos em calças de boca-de-sino à amurada, observando um

cardume de peixes voadores. As frutas amarelo-laranjadas da tigela pareciam a Mike

pintadas à luz sufocante de um sol equatorial, um sol de deserto tipo Paul Bowles, e

inclinavam-se para a direita. Embora Mike não fosse detalhista, andou pelo quarto

endireitando os quadros. Vê-los tortos assim o deixava um pouco nauseado de novo, o que

não lhe causava muita surpresa. Fica-se suscetível a essa sensação; descobrira aquilo no

Queen Elizabeth 2. Tinham-lhe dito que se a pessoa agüentasse aquele período de crescente

suscetibilidade, geralmente se adaptava... “passa a ter pernas de mar”, como ainda dizem os

velhos tripulantes. Mike ainda não viajara de barco o suficiente para conseguir pernas de

mar, nem ligava para isso. Nesses dias, continuava com suas pernas de terra, e se o ato de

endireitar os três quadros na sala de estar comum do 1.408 aquietasse suas vísceras, ótimo

para ele.

Havia poeira na cobertura de vidro dos quadros. Ele passou os dedos pela natureza-

morta e deixou dois sulcos paralelos. A poeira parecia gordurosa e escorregadia ao toque.

Como seda antes de apodrecer, foi o que lhe veio à cabeça, mas queria ser mico de circo se

ia colocar isso na fita. Como é que ele ia saber que sensação dava tocar a seda antes de ela

apodrecer? Era um pensamento de bêbado.

Os quadros foram endireitados, ele recuou e supervisionou-os por turnos: a senhora

com traje de noite junto à porta que levava ao quarto, o veleiro navegando por um dos sete

mares à esquerda da escrivaninha e finalmente as desagradáveis (e pessimamente pintadas)

frutas junto ao armário de tevê. Em parte, Mike esperava que ficassem tortos novamente,

ou entortassem quando ele os fitasse – era assim que as coisas aconteciam em filmes como

A casa na colina e em velhos episódios de Além da imaginação – mas os quadros

continuaram perfeitamente retos, como ele os colocara. Não que fosse achar algo de

sobrenatural ou paranormal se os quadros voltassem a seu antigo estado torto; em sua

experiência, a reversão era da natureza das coisas – gente que desistira de fumar

(ele tocou

cigarro atrás da orelha sem notar que o fazia) queria continuar fumando, e quadros que

estavam tortos desde a era Nixon queriam continuar tortos. E eles estavam ali há muito

tempo, sem dúvida, pensou Mike. Se eu os retirasse do lugar, veria uma marca mais clara

no papel da parede. Ou insetos enxameando dali para fora, como acontece quando se

levanta uma rocha.

Havia algo chocante e horrível nessa idéia; surgia cm uma vívida imagem de insetos

brancos e cegos brotando como pus vivo do papel de parede e anteriormente protegido.

Mike pegou o gravador, ligou-o e disse:

“Olin certamente iniciou uma vertente de pensamento na minha cabeça. Ou uma

corrente de pensamentos? Ele quis me levar a ter um chilique nervoso e foi bem-sucedido.

Não pretendo...” Não pretendia o quê?

Nesse ponto da fita, Mike Enslin declara de modo perfeitamente articulado e sem

vibração: “Tenho que me controlar. Imediatamente.” Isso é seguido por outro clique,

quando ele desliga a fita de novo.

Fechou os olhos e respirou profundamente quatro vezes, a cada vez prendendo a

respiração e contando até cinco antes de expeli-la de novo. Nunca acontecera com ele nada

semelhante – não nas casas, nos cemitérios ou nos castelos supostamente assombrados. Isso

não era como ser assombrado, ou como ele imaginara que devia ser; isso era como estar

completamente chapado com droga ruim, ordinária.

Foi Olin que fez isso. Olin hipnotizou-o, mas você vai escapar. Vai passar a porcaria

da noite neste quarto, e não só porque é o melhor local em que já esteve na vida – deixando

de lado Olin, você está perto de conseguir a melhor história de fantasma da década – mas

porque Olin não vai conseguir vencer. Ele e a besteira da história das 30 pessoas que

morreram não vão vencer. O único encarregado das besteiras por aqui sou eu, portanto trate

só de inspirar... e expirar. Inspirar... e expirar. Inspirar... e expirar.

Continuou assim por uns 90 segundos e, quando abriu os olhos de novo, sentiu-se

normal. Os quadros na parede? Ainda retos. A tigela de frutas? Ainda amarelo-alaranjadas

e mais feias do que nunca. Frutas do deserto, nem há dúvida. Como uma pedaço delas e

você vai cagar até doer.

Ele ligou o gravador. O olho vermelho se acendeu.

“Tive uma pequena vertigem por um ou dois minutos”, disse Mike, atravessando o

quarto até a escrivaninha e a janela, com sua rede protetora do lado de fora. “Pode ter sido

uma ressaca das lorotas de Olin, mas eu acho que sinto uma presença aqui.” Não sentia

nada disse, claro, mas uma vez que estivesse na fita ele poderia escrever praticamente

qualquer coisa que quisesse. “O ar é viciado. Nenhum bolor ou mau cheiro, Olin diz que o

lugar é arejado cada vez que é limpo, mas as limpezas são rápidas e... sim é viciado. Ei,

olhe só isso.”

Na escrivaninha havia um cinzeiro, um daqueles pequenos objetos de vidro espesso

que se viam em hotéis por toda parte, e dentro dele uma caixa de fósforos com o retrato do

Hotel Dolphin. Na frente do hotel, via-se um porteiro sorridente com um uniforme bem fora

da moda, com dragonas, alamares dourados e um quepe que parecia saído de uma boate gay

na cabeça de um motociclista machão usando apenas alguns piercings de prata pelo corpo.

Carros de outra época passavam pela Quinta Avenida em frente ao hotel – Packards,

Hudsons, Studebakers e Chrysler New Yorkers com grandes caudas salientes.

“Acho que a caixa de fósforo no cinzeiro é de 1955”, disse Mike, colocando-a no

bolso da camisa havaiana. “Vou guardá-la como lembrança. Agora é hora de um pouco de

ar fresco.”

Há um clique quando ele deposita o gravador possivelmente na escrivaninha. Ouve-

se uma pausa seguida por sons vagos e uns dois grunhidos de esforço. Depois disso vem

uma segunda pausa e então um som guinchado.

“Sucesso!”, diz Mike. Isso está um pouco fora do microfone, mas o que se segue é

mais próximo.

“Sucesso!”, repete Mike, pegando o gravador da escrivaninha. “A metade de baixo

não se mexe... parece pregada... mas a parte de cima desceu muito bem. Posso ouvie o

tráfego na Quinta Avenida, e todas as buzinas têm um tom reconfortante. Alguém está

tocando um saxofone, talvez na frente do Plaza, que fica do outro lado da rua, dois

quarteirões adiante. Ele me lembra meu irmão.”

Mike parou abruptamente, olhando o pequeno olho vermelho, que parecia acusá-lo.

Irmão? Seu irmão estava morto, outro soldado derrubado nas guerras do fumo. Então

relaxou. E daí? A guerra atual era a guerra dos fantasmas, onde Michael Enslin

sempre fora

vencedor. Quanto a Donald Enslin...

“Meu irmão, na verdade, foi comido por lobos num inverno, no pedágio de

Connecticut”, disse ele. Depois riu e desligou o gravador. Há mais na fita... um pouco

mais... mas essa é a última declaração com certa coerência... isto é, a última declaração a

que se pode atribuir alguma coerência.

Ele virou-se e olhou os quadros. Ainda estavam perfeitamente retos, como bons

quadrinhos que eram. Mas aquela natureza-morta ali – como era feia, porra!

Ligou o gravador e disse duas palavras – laranjas fumegantes – no gravador. Então

desligou-o de novo e foi da sala de estar até a porta que levava ao quarto. Fez uma pausa

junto à senhora em traje de noite e tateou a escuridão buscando o comutador da luz. Teve

apenas um momento para registrar (dá a impressão de pele, de velha pele morta) algo

estranho com o papel de parede sob a palma deslizante de Mike. Então seus dedos

encontraram o comutador. O quarto inundou-se da luz amarela de um daqueles dispositivos

de um daqueles dispositivos de teto enterrados em pingentes de vidro. A cama de casal

escondia-se sob uma colcha amarelo-laranja.

“Por que dizer escondia-se?”, perguntou Mike ao gravador e a seguir desligou-o de

novo. Entrou, fascinado pelo fumegante deserto da colcha, pelos volumes tumorosos dos

travesseiros sob ela. Dormir ali? De modo nenhum, companheiro! Seria o mesmo que

dormir naquela natureza-morta desgraçada, naquele quente e horrível quarto Paul Bowles

que não se podia ver direito, um quarto para expatriados ingleses lunáticos e cegos pela

sífilis que tinha pego ao foderem com as mães, a versão para cinema estrelada por Laurence

harvey ou Jeremy Irons, um desses atores que naturalmente associamos a atos pouco

naturais...

Mike ligou o gravador e o olho vermelho surgiu. Então ele disse “Testando um,

dois, três, testando!” ao microfone, depois apertou STOP de novo. Aproximou-se da cama

cuja colcha cintilava num amarelo-laranja. O papel de parede, talvez creme à luz do dia,

refletia o amarelo-laranja. Duas pequenas mesas-de-cabeceira ladeavam a cama. Numa

delas estava o telefone – preto, grande e a disco. Os buracos para discar pareciam surpresos

olhos brancos. A outra mesa continha um prato com uma ameixa. Mike ligou o gravador e

disse:

“Isso não é uma ameixa de verdade, é de plástico.” Apertou STOP de novo.

Sobre a cama havia um cardápio. Mike abordou a cama com muito cuidado para

não tocar nela ou na parede, e pegou o cardápio. Estava escrito em francês e, embora já

houvesse passado muito tempo na desde que Mike aprendera aquela língua, um dos itens do

café da manhã eram pássaros assados na merda. Pelo menos parece algo que os franceses

poderiam comer; pensou, dando uma risada alucinada e perturbada.

Então fechou e abriu os olhos.

O cardápio agora estava escrito em russo.

Fechou e abriu os olhos.

O cardápio agora estava escrito em italiano.

Fechou e abriu os olhos.

Não havia nenhum cardápio. Havia a xilogravura de um garotinho gritando e

olhando por cima do ombro para um lobo de xilogravura que engolira sua perna esquerda

até o joelho. As orelhas do lobo apontavam para trás e ele parecia um terrier com seu

brinquedo favorito.

Eu não estou vendo isso, pensou Mike, e claro que não estava. Sem fechar os olhos,

viu nítidas linhas de inglês, cada qual consistindo em uma tentação diferente do

desjejum.

Ovos, waffles, frutinhas silvestres frescas, nada de pássaros assados na merda. Mesmo

assim...

Virou-se e muito lentamente saiu do pequeno espaço entre a parede e a cama,

espaço que agora parecia estreito como um túmulo. Seu coração batia com tanta força que

Mike podia sentir a pulsação no pescoço e nos pulsos, assim como no peito. Seus olhos

latejavam nas órbitas. O 1.408 era estranho sim, o 1.408 era muito estranho. Olin dissera

algo sobre gás envenenado, e era assim que Mike se sentia: como alguém que tivesse

cheirado o gás ou fora forçado a fumar um haxixe forte misturado com inseticida. Olin

provocara isso, claro, provavelmente com a adesão ativa e risonha do pessoal da segurança.

Bombeara seu gás envenenado especial através dos respiradouros. Só porque Mike não

podia ver nenhum respiradouro, não significava que não estivessem lá.

Fitou o quarto com olhos assustados e arregalados. Não havia ameixa nenhuma na

mesinha à esquerda da cama. E também nenhum prato. A mesa estava vazia. Mike virou-se,

começou a andar para a porta que dava para a sala de estar e parou. Havia um retrato na

parede. Não tinha absoluta certeza – em seu presente estado, não podia ter certeza nem do

próprio nome -, mas estava razoavelmente certo de que não havia nenhum quadro quando

chegara. Era uma natureza-morta. Uma única ameixa num prato de metal sobre uma velha

mesa de madeira. A luz que incidia sobre a ameixa e o prato era de um febril amarelo-

alaranjado.

Luz de tango, pensou ele. O tipo de luz que faz os mortos levantarem dos túmulos e

dançarem tango. O tipo de luz...

- Tenho que sair daqui – murmurou, voltando aos tropeções para a sala de estar.

Seus sapatos tinham começado a fazer estranhos sons de beijo, como se o chão por

baixo deles tivesse ficado mole.

Os quadros na parede da sala estavam tortos de novo e havia também outras

mudanças. A senhora na escada abaixara a parte de cima de sua roupa, deixando os seios à

mostra, e segurava um em cada mão. Uma gota de sangue pendia de cada mamilo. Ela

fixava diretamente os olhos de Mike e sorria ferozmente. Tinha dentes afiados em pontas

como um canibal. Na amurada do veleiro, os marinheiros haviam sido substituídos por uma

fileira de homens e mulheres pálidos. O homem da extrema esquerda, o mais

perto da proa

do navio, usava um terno de lã marrom e segurava um chapéu-coco na mão. Tinha o cabelo

penteado para a testa e partido ao meio acima do rosto aturdido e vazio. Mike sabia que seu

nome era Kevin O’Malley, o primeiro ocupante do 1.408, um vendedor de máquinas de

costura que pulara daquele quarto em outubro de 1910. À esquerda de O’Malley, havia

outros que tinham morrido ali, todos com a expressão aturdida e vazia. Isso fazia com que

todos parecessem parentes, membros da mesma família endogâmica e cataclismicamente

retardada.

No quadro onde as frutas tinham estado, havia agora uma cabeça humana decepada.

Uma luz amarelo-laranja nadava nas faces encovadas, nos lábios afundados, nos olhos

vidrados e virados para cima, no cigarro atrás da orelha direita.

Mike cambaleou para a portam os pés dando estalos de beijo e agora parecendo de

fato grudar u pouco no chão a cada passo. A porta não se abriu, é claro. A corrente pendia

solta, mas a porta não abria.

Ofegando, Mike afastou-se dela e avançou com dificuldade – a sensação era essa –

pelo aposento até a escrivaninha. Via as cortinas ao lado da janela que ele escancarara

balançando erraticamente, mas não conseguia sentir nenhum ar fresco no rosto. Era como

se o lugar estivesse engolindo o ar. Mike ainda podia ouvir as buzinas da Quinta Avenida,

mas elas estavam agora muito distantes. Inda ouvia o saxofone? Em caso positivo, o lugar

roubara sua doçura e melodia, deixando apenas um fraco zumbido atonal, como o vento

soprando por um buraco no pescoço de um morto ou uma garrafa de refrigerante cheia de

dedos cortados ou...

Pare, Mike tentou dizer, mas não conseguia mais falar. Seu coração martelava num

ritmo terrível; se fosse mais rápido, explodiria. O gravador, fiel companheiro de muitas

“expedições sobre casos”, não estava mais em sua mão. Deixara-o em algum lugar. Se

tivesse sido no quarto, provavelmente já teria desaparecido agora, engolido pelo aposento; e

depois de digerido, seria excretado num dos quadros.

Arquejando por ar como um corredor no fim de uma longa corrida, Mike pôs a mão

no peito como se quisesse acalmar o coração. O que tateou n bolso esquerdo da alegre

camisa foi a pequena forma quadrada do gravador. Apalpar seu volume tão sólido e

conhecido acalmou-o um pouco, de certo modo trazendo-o de volta. Teve consciência de

que estava cantarolando de boca fechada... e de que o lugar parecia cantarolar com ele,

como se milhares de boas se escondessem por debaixo do papel de parede suavemente

desagradável. Notou que seu estômago estava agora tão nauseado que parecia oscilar na

própria rede gordurenta, e sentiu o ar pressionando seus ouvidos em coágulos macios.

Mas voltara um pouco a si, o suficiente para ter certeza de que precisava pedir ajuda

enquanto ainda era tempo. O pensamento de Olin sorrindo afetadamente (em seu modo

atencioso de gerente de hotel nova-iorquino) e dizendo *Bem que eu lhe disse* não o

aborrecia, e a idéia de Olin ter de algum modo lhe introduzido as estranhas percepções e

um terrível medo por meios químicos saíra completamente de sua cabeça. Era aquele

cômodo. Era o desgraçado do cômodo.

Quis esticar a mão para o telefone antigo – gêmeo do que estava no quarto – e pegá-

lo. Em vez disso, viu seu braço descer à mesa num delirante movimento em câmera lenta,

tão parecido com o braço de um mergulhador que quase esperou ver bolhas saindo do

membro.

Agarrou o receptor e levantou-o. Sua outra mão, tão decidida quanto a primeira

mergulhou e discou 0. Enquanto levava o receptor ao ouvido, escutou uma série de cliques

como se o disco girasse novamente para sua posição original. Parecia soar como a Roda da

Fortuna: quer girar a roda ou resolver o enigma? Lembre-se de que se tentar resolver o

enigma e falhar, será colocado na neve ao lado do Pedágio Connecticut e os lobos comerão

você.

Não escutou nenhuma campainha. Em vez disso, uma voz áspera começou a falar

“Eu disse nove! Nove! Eu disse nove! Nove! Eu disse dez! Matamos seus amigos! Cada

amigo seu agora está morto! Eu disse seis! Seis!”

Mike ouvia com um horror crescente não ao que a voz dizia, mas a seu áspero

vazio. Embora não fosse uma voz gerada por máquina também não era uma voz humana.

Era a voz do aposento. A presença derramando-se das paredes e do chão, a presença

falando com ele do telefone não tinha nada em comum com qualquer evento assombrado ou

paranormal sobre o qual lera algum dia. Havia algo diferente ali.

Não, não está ali ainda... mas está chegando. Está faminto, e você é o jantar.

O telefone caiu de seus dedos abertos e Mike se virou. O aparelho ficou pendurado

pelo fio do mesmo modo que o estômago de Mike oscilava para a frente e para trás dentro

dele, que ainda podia ouvir a voz áspera saindo do escuro: “Dezoito! Agora é o dezoito!

Assuma o controle quando a sirene tocar! É o quatro! Eu disse quatro!”

Não notou que tirara o cigarro de trás da orelha e colocara-o na boca, ou que retirara

do bolso da camisa berrante a caixa de fósforos com o porteiro de alamares dourados à

antiga, assim como não notou que após nove anos finalmente tinha resolvido fumar.

Diante dele, o aposento começava a derreter.

Estava cedendo em seus ângulos e linhas retas, não em curvas mas em estranhos

arcos mouriscos que feriam os olhos de Mike. O candelabro de vidro no centro do teto

começou a decair como uma espessa bola de cuspe. Os quadros curvavam-se, tornando-se

formas como Pára-brisas de velhos carros antigos. Vinda de trás do vidro do quadro junto à

porta que dava para o quarto, a mulher dos anos 20 com os mamilos sangrando sorria com

dentes de canibal. Então deu meia-volta e subiu correndo a escada novamente, movendo-se

com o delirante andar abrupto e sinuoso de uma vampira num filme mudo, levantando os

joelhos. O telefone continuava a emitir um som áspero e a cuspir numa voz que era agora

de uma máquina de cortar cabelo elétrica que tivesse aprendido a falar: “Cinco! Eu disse

cinco! Ignore a sirene! Mesmo se você for embora deste quarto, jamais poderá deixá-lo!

Oito! Eu disse oito!”

A porta para o quarto e a porta para o corredor tinham começado a desmoronar

alargando-se no meio e se tornando portais para seres possuídos de formas profanas. A luz

tornou-se brilhante e quente, enchendo o lugar com um fulgor amarelo-laranja. Agora Mike

podia ver rasgões no papel de parede, poros pretos que rapidamente cresciam até se

transformar em bocas. O chão afundou num arco côncavo e então Mike pôde ouvir o

habitante do quarto atrás do quarto chegando, a coisa nas paredes, o dono da voz que

zumbia. “Seis!” o telefone gritou. “Seis, eu disse seis, é a droga do SEIS, porra!”

Mike olhou para a caixa de fósforos em sua mão, a que retirara do cinzeiro do

quarto. Que porteiro engraçado, que carros antigos engraçados com suas grandes grades

cromadas... e palavras escritas no fundo que ele não via havia muito tempo, porque agora a

fia abrasiva era sempre atrás.

FECHE A TAMPA ANTES DE RISCAR.

Sem pensar – não conseguia mais pensar -, Mike Enslin riscou um único fósforo,

deixando o cigarro cair de sua boca ao mesmo tempo. Riscou o fósforo e imediatamente

tocou com ele os outros da caixa. Houve um som de fffhut!, um forte sopro de enxofre

ardente entrou na cabeça de Mike como uma baforada de sais de cheiro, e uma chama

brilhante de fósforos. E mais uma vez sem pensar, Mike segurou o buquê chamejante de

fogo contra a frente da camisa. Era uma camisa barata feita na Coréia, no Camboja ou em

Bordéu, agora já velha; ela pegou fogo imediatamente. Antes que as chamas subissem à

frente de seus olhos, tornando o cômodo mais uma vez instável. Mike viu-o claramente,

como um homem que acordou de um pesadelo, mas encontrou o pesadelo em torno de si.

Sua cabeça estava clara – a forte baforada de enxofre e o calor que se ergueu

subitamente da camisa havaiana provocaram isso -, mas o lugar mantinha o aspecto

insanamente pantanoso. Pantanoso não era a palavra, não chegava nem perto, mas era a

única que parecia tangenciar o que acontecera ali... o que ainda acontecia. Mike estava

numa caverna que derretia e apodrecia, cheia de movimentos bruscos e inclinações loucas.

A porta que dava para o quarto tornara-se a entrada para a câmara interna de um sarcófago.

E à esquerda, onde estivera pendurado o quadro das frutas, a parede avolumava-se na

direção de Mike, abrindo-se em longas rachaduras que se escancaravam como bocas,

abrindo-se para um mundo de onde algo se aproximava agora. Mike Enslin ouvia a

respiração ávida e molhada da coisa e sentia o cheiro de algo vivo e perigoso. Cheirava um

pouco como a jaula do leão no...

Então as chamas lamberam a parte de baixo do seu queixo, banindo seus

pensamentos. O calor que subia da camisa flamejante pôs aquela oscilação novamente no

mundo e, quando Mike sentiu o cheiro quebradiço dos pêlos de seu peito começando a

torrar, correu de novo pelo tapete esfiapado com direção à saída. As paredes passaram a

emitir um zumbido. A luz amarelo-laranja tornava-se mais firme e brilhante, como se uma

mão tivesse ligado um termostato invisível. Dessa vez, quando Mike chegou à porta e girou

a maçaneta, a porta se abriu. Era como se a coisa atrás da parede que se avolumava não

visse nenhuma utilidade num homem ardendo; talvez não apreciasse muito carne cozida.

III

UMA CANÇÃO POPULAR dos anos 50 sugere que o amor faz o mundo girar, mas é

provável que a coincidência seja uma aposta melhor. Rufus Dearborn, que estava naquela

noite no quarto 1.414, perto dos elevadores, era um vendedor da Companhia de Máquinas

de Costuras Singer vindo do Texas para falar sobre a ascensão à posição de executivo.

Assim, aconteceu que aproximadamente 90 anos depois que o primeiro ocupante do 1.408

pulou para a morte, outro vendedor de máquinas de costuras salvou a vida do homem que

pretendia escrever sobre o quarto supostamente assombrado. Ou talvez isso fosse um

exagero; Mike Enslin poderia ter vivido mesmo que ninguém – especialmente um sujeito

voltando de uma ida a máquina de gelo – estivesse no corredor naquele momento. Mas ter a

camisa pegando fogo não é brincadeira, e Mike certamente se queimaria com muito mais

gravidade se não fosse por Dearborn, que pensou rápido e se mexeu mais rápido ainda.

Não que Dearborn lembrasse com exatidão do que aconteceu. Ele constituiu uma

história coerente o bastante para os jornais e as câmeras de tevê (gostava muito

da idéia de

ser herói, o que certamente não prejudicava suas aspirações executivas), e lembrava

nitidamente de ver o homem pegando fogo investir para o corredor, mas, depois disso, era

tudo um borão. Reconstruir aquilo era como tentar reconstruir o que você faz durante a pior

e mais profunda bebedeira se sua vida.

De uma coisa ele tinha certeza, mas não contou aos repórteres porque não fazia

sentido: o grito do homem pegando fogo parecia subir de volume como um estéreo sendo

aumentado. Ele estava bem ali à frente de Dearborn, e o tom mais agudo do grito não

mudou, mas o volume sim. Era como se o homem fosse um objeto incrivelmente

barulhento que acabara de chegar.

Dearborn correu pelo corredor com o balde cheio de gelo na mão. O homem

pegando fogo – “Vi logo que só a camisa dele estava pegando fogo”, disse aos repórteres –

chegou à porta oposta ao quarto de onde tinha vindo, ricocheteou nela, cambaleou e caiu de

joelhos. Foi quando Dearborn o alcançou, pôs o pé no ombro ardente do homem que

gritava e abaixou-no carpete do corredor. Então despejou nele o conteúdo do balde de gelo.

Essa coisas ficaram borradas em suma memória, mas acessíveis. Tinha noção de

que a camisa ardendo parecia emitir luz demais – uma luz amarelo-alaranjado que o fazia

pensar numa viajem que ele e o irmão haviam feito à Austrália dois anos antes. Haviam

alugado um veiculo com tração nas quatro e partido para atravessar o Grande Deserto

Australiano (alguns nativos o chamavam de o Grande Deserto Australiano Fode com

Todos, descobriram os irmãos Dearborn), uma viagem infernal, fantástica mas

fantasmagórica. Especialmente a grande rocha no meio, Ayers Rock. Eles tinham alcançado

ao pôr-do-sol e a luz em seus rostos masculinos era como aquela... quente e estranha... de

modo nenhum parecida com aquela luz terrena...

Deixou cair ao lado do homem ardente que agora era o homem fumegante, o

homem coberto de cubos de gelo, e rolou-o para abafar as chamas que alcançavam a parte

de trás da camisa. Quando o fez, viu que a pele do lado esquerdo do pescoço do homem

passara a um vermelho defumado e estava coberta de bolhas, e o lobo da orelha daquele

lado derretera. Mas fora isso... fora isso...

Dearborn ergueu os olhos e teve a impressão – era loucura, mas teve a impressão de

que a porta do quarto de onde o homem saíra estava cheia de luz ardente de um pôr-do-sol

australiano, a quente luz de um lugar vazio onde viviam coisas que nenhum homem já viu

algum dia. A luz era terrível (assim como o zumbido baixo, semelhante ao de uma máquina

de corta cabelo elétrica que tentasse desesperadamente falar), mas era também fascinante.

Quis entrar no quarto, ver o que estava por trás dele.

Talvez Mike também tenha salvo a vida de Dearborn. Certamente que sim, ao ver

que Dearborn se levantara – como se Mike não tivesse mais nenhum interesse para ele – e

que seu rosto estava cheio de luz fulgurante e pulsante que saía do 1.408. Lembrava-se

disso melhor do que próprio Dearborn, posteriormente, mas claro que Rufus Dearborn não

fora obrigado a atear fogo em sim mesmo para sobreviver.

Mike agarrou a bainha da calça de Dearborn.

- Não entre ali – disse numa voz rouca e quebrada. – Você nunca sairia.

Dearborn parou, olhando o rosto avermelhado e cheio de bolhas do homem no

carpete.

- É assombrado! – disse Mike, e, como se as palavras fossem um talismã, a porta do

1.408 bateu furiosamente fazendo desaparecer a luz e o terrível zumbido que quase falava.

Rufus Dearborn, um dos melhores vendedores das Máquinas de Costura Singer que

havia, correu até os elevadores e apertou o alarme de incêndio.

IV

HÁ UMA FOTO interessante de Mike Enslin em Tratando a vítima de queimadura: Uma

abordagem diagnóstica, cuja 16ª edição apareceu uns 16 meses depois da curta

permanência de Mike no quarto 1.408 do Hotel Dolphin. A foto mostra apenas seu torso,

mas não há duvida de que é Mike. Pode-se dizer isso pelo quadrado branco em seu peito. A

carne ali é de um vermelho raivoso, na realidade empolado em queimaduras de segundo

grau em certos lugares. O quadrado branco marca o bolso esquerdo do peito da camisa que

ele usava naquela noite, a camisa da sorte com o gravador no bolso.

O próprio gravador derretera nos cantos, mas ainda funciona, e sua fita sobreviveu

nele. As coisas dentro dela é que não estão bem. Depois de escuta-la três ou quatro vezes,

Sam Farrel, o agente de Mike, guardou-a no cofre da parede, recusando-se a registrar que

seus braços magricelas e bronzeados estavam arrepiados. E naquele cofre ficou a fita desde

então. Farrel não tem nenhum impulso de escuta-la de novo, nem de mostrá-la a amigos

curiosos, entre eles alguns dariam a vida para ouvi-la; o ramo editorial de Nova York é uma

comunidade pequena e as notícias correm.

Sam Farrel não gosta da voz de Mike na fita, e não gosta do que diz a voz (Meu

irmão na verdade foi comido por lobos num inverno no Pedágio de Connecticut... que diabo

isso significa?), e não gosta principalmente dos sons ao fundo, um ruído liquido que às

vezes parece roupa muito ensaboada sacudida numa máquina de lavar, às vezes uma

daquelas velhas máquinas de cortar cabelo... e às vezes, uma voz esquisita.

Enquanto Mike ainda estava no hospital, um homem chamado Olin – o gerente da

droga do hotel – procurou Sam Farrel e perguntou-lhe se podia escutar a fita. Farrel

respondeu-lhe que não podia, não; o que Oliin podia fazer era ir embora daquele escritório

o mais rápido possível, e agradecer a Deus, ao voltar para o pulgueiro onde trabalhava, por

Mike Enslin não processar o hotel ou Olin por negligência.

- Tentei convence-lo a não ficar lá – disse Olin calmamente. Sendo um homem

que passava a maior parte dos dias ouvindo viajantes cansados e hóspedes petulantes

implicarem com tudo, dos quartos à seleção de revistas no suporte de publicações, ele não

ficou muito perturbado com o rancor de Farrel. – Tentei tudo o que podia. Se alguém foi

negligente naquela noite, Sr. Farrel, foi seu cliente. Ele acreditava demais em

coisa alguma.

Um comportamento muito pouco sábio, muito imprudente. Imagino que ele tenha

reconsiderado seu ponto de vista.

Apesar do desagrado de Farrel com a fita, ele gostaria que Mike a ouvisse, a

registrasse, e quem sabe a usasse como um trampolim do qual lançar um outro livro.

Porque há um livro no que acontecer a Mike, Farrel sabe disso – não apenas um capítulo,

um cãs de 40 páginas, mas um livro inteiro. Um livro que poderia vender mais do que todos

os três Dez noites juntos. E claro que ele não acredita quando Mike declara que não

escreverá mais histórias de fantasmas nem qualquer outra história. Os escritores dizem isso

de tempos em tempos, é só. Uma explosão ocasional de prima donna é parte integrante do

comportamento dos autores.

Considerando-se tudo, Mike Enslin teve sorte, e sabe disso. Poderia ter-se queimado

muito mais; se não fosse por Dearborn e seu balde de gelo, ele poderia ter tido 20 ou

mesmo 30 diferentes enxertos de pele em vez de apenas quatro. Tem cicatrizes no lado

esquerdo do pescoço, apesar do enxertos, mas os médicos do Boston Burn Institute

disseram-lhe que as cicatrizes diminuirão sozinhas. Mike também sabe que as queimaduras,

dolorosas nas semanas e meses depois daquela noite, tinham sido necessárias. Se não fosse

pelos fósforos com FECHE A TAMPA ANTES DE RISCAR escrito na frente, ele teria

morrido no 1.408, e seu fim teria sido inominável. Para um legista, poderia parecer um

derrame ou um infarte, mas a causa da morte teria sido muito mais maligna.

Muito mais maligna.

Mike também teve sorte em ter escrito três livros populares sobre fantasma e

assombrações antes de sair correndo de um lugar realmente assombrado – ele sabia disso

também. Sam Farrel pode não acreditar que a vida de Mike como escritor esteja encerrada,

mas Sam não precisa acreditar; Mike sabe disso pelos dois. Ele não consegue escrever em

um cartão-postal sem sentir toda a pele gelada e uma profunda náusea na boca do

estômago. Às vezes só de olhar uma caneta (ou um gravador) o faz pensar: Os quadros

estavam tortos. Tentei endireita-los. Ele não sabe o que isso significa. Não consegue

lembrar dos quadros ou de coisa alguma do quarto 1.408, e está contente. Isso é uma

benção. Sua pressão sanguínea não anda tão boa por esses dias (seu médico disse

que as

vítimas de queimaduras geralmente passam a ter problemas de pressão e o fez tomar

remédio), seus olhos ainda o incomodam (o oftalmologista disse para ele começar a usar

remédio), ele tem freqüentes problemas de coluna, sua próstata está grande demais... mas

ele pode lidar com essas coisas. Mike sabe que não é a primeira pessoa a escapar do 1.408

sem escapar realmente – Olin tentou lhe dizer -, mas não é tão ruim assim. Pelo menos, ele

não se lembra. Às vezes tem pesadelos; ou com muita freqüência (quase todas as malditas

noites, na verdade), mas raramente lembra deles quando acorda. Principalmente uma

sensação de que as coisas estão se arredondando nos cantos – derretendo-se como os cantos

do gravador. Mike mora em Long Island atualmente e, quando o tempo está bom, ele dá

longos passeios na praia. O mais perto que chegou de articular as lembranças dos esquisitos

(muito esquisitos) 70 minutos no 1.408 ocorreu numa dessas caminhadas. “Aquilo nunca

foi humano”, disse ele as ondas com voz sufocada, entrecortada. “Fantasmas... pelo menos

os fantasmas foram humanos no passado. Mas a coisa na parede... aquela coisa...”

O tempo pode trazer melhoras para Mike. Ele espera por isso e tem razão em fazê-

lo. O tempo pode desbotar as lembranças de Mike, assim como pode esmaecer as cicatrizes

em seu pescoço. Mas enquanto isso, ele dorme com a luz acessa para saber onde está

quando acorda de um pesadelo. Mandou retirar todos os telefones da casa sob o local em

que sua mente consciente opera, ele tem medo de pegar o telefone e ouvir uma voz

inumana zumbir “É nove! Eu disse nove! Matamos seus amigos! Cada amigo seu agora está

morto!”.

E quando o sol se põe nas noites claras, Mike fecha todas as persianas, venezianas e

cortina da casa. Fica mergulhado na escuridão até que o relógio lhe diga que a luz – mesmo

o último fulgor no horizonte – se foi.

Ele não suporta a luz que chega ao pôr-do-sol.

Aquele amarelo se aprofundando, tornando-se laranja, como a luz do deserto

australiano.

Conto retirado do livro **“Tudo é Eventual”** de Stephen King.

Digitado por Daniel “Case” Aquino